



GÊNERO

SILVA, Ilda Lopes Rodrigues da. *Mary Richmond: um olhar sobre os fundamentos do Serviço Social*. Rio de Janeiro: CBCISS, 2004.

DESvendando HISTÓRIAS DE MULHERES: PROTEÇÃO SOCIAL E CIDADANIA

Suely Gomes Costa

Mary Richmond: um olhar sobre os fundamentos do Serviço Social, livro de Ilda Lopes Rodrigues da Silva, professora da graduação e do programa de pós-graduação do Departamento de Serviço Social da PUC-RJ, examina momentos inaugurais de sistematização da literatura técnico-científica do Serviço Social, produzida pela norte-americana Mary Ellen Richmond (1860 – 1928). Nesse olhar, há muito a destacar sobre histórias de mulheres. O livro, ao trazer os fundamentos de obras tornadas clássicas na profissionalização dos assistentes sociais, não apenas contém referências de interesse dessa área profissional do mundo todo. Informa sobre transições de práticas filantrópicas, em grande parte desenvolvidas por mulheres, para concepções e experiências voltadas ao alcance de direitos de cidadania. Duas preciosas opiniões sobre Richmond sintetizam o alcance dos estudos em tela: na orelha do livro, Anna Augusta de Almeida destaca nas obras dessa pensadora e ativista os dilemas civilizadores contidos na proposta de “poder ajudar os ‘pobres’ a serem ‘sujeitos sociais’”, rechaçando a esmola como prática social, concluindo com a caracterização do saber de Richmond: humanístico, científico e filosófico, por isso, transformador. Therezinha Arnaut, na contracapa do livro, confirma surpresas diante das muitas faces de Richmond, essa “mulher inserida no mundo da cultura, das artes e da ciência, capaz de romper com códigos vigentes. A percepção crítica do assistencialismo a faz denunciar as condições socioculturais”. Acrescento a essas observações aquilo que, no âmbito de minhas pesquisas, o livro me sugere de relevante para a história das mulheres, na consolidação dos sistemas de proteção social e da cidadania. De Mary Richmond, a autora revela indícios que confirmam a presença marcante das mulheres, entre fins do século XIX e início do XX, nas mais diferentes ações sociais, profissionais ou não, que conduzem à montagem desses sistemas, mas como conquistas de direitos. Indica, também, caminhos intelectuais que engendraram o refinamento de tradições do humanitarismo vindas do século XVIII, modelando percepções críticas dos sofrimentos humanos, assim desnaturalizados, remetendo a campos de observação abertos por Thomas W. Laqueur (1992:239-278). Esse autor avalia a contribuição das chamadas narrativas humanitárias da literatura, da medicina legal e da pesquisa social para uma crescente tomada de consciência sobre sofrimentos dos corpos que examinam e detalham e, ao

Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 257-258, 1. - 2. sem. 2006 **257**

GÊNERO

mesmo tempo, para modos de fazer valer ações mitigatórias cujos sentidos civilizadores são os de reconhecer esses mesmos sofrimentos, de atenuá-los ou eliminá-los. O processo pelo qual se dá a percepção desses sofrimentos, em grande parte, é ainda pouco examinado em nossas tradições de pesquisa, sobretudo, no que concerne às trajetórias femininas. Assim, a notável crítica de Richmond à filantropia exercida pelas Sociedades de Organização da Caridade (COS) nos Estados Unidos serve à formação de várias gerações de assistentes sociais de diferentes países do mundo, inclusive do Brasil, e associa-se ao desenvolvimento peculiar de práticas sociais que avançam no sentido de conquistas de direitos ao não-sofrimento. A leitura desse livro é ainda uma exigência inadiável quando sugere as práticas assistenciais renovadas como um resultado de um possível provável processo de tomada de "consciência de gênero" forjado, como conceitua Michelle Perrot (1994: 503-539), nas "saídas" das mulheres para o espaço público, mesmo por meio da filantropia. Na historiografia brasileira, poucas pesquisas têm se aventurado a pensar as singularidades de processos como esses. Ao tratar do conjunto de preocupações contidas na obra de Richmond, Ilda Lopes traz muito dessa matéria preciosa (tantas vezes, invisível) com que tantas mulheres, por diferentes vias, reconheceram, enunciaram e orientaram projetos humanitários e se empenharam na consolidação de direitos civis, políticos e sociais, em diferentes conjunturas, mas que estão aí, nos tempos de hoje, recolocando novos desafios. Os textos de Richmond examinados por Ilda – "*Social diagnosis* (1917), "*What is social case work?, An introductory description*" (1922) e "*The long papers and addresses* (1930) – nos estimulam a pensar instigantes linhas de pesquisa.

Referências

LAQUEUR, T. "Corpos, detalhes e narrativa humanitária". In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Tradução de J.F.Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PERROT, M. "Sair". In: FRAISSE, G., PERROT, M. *História das Mulheres no Ocidente*. O século XIX. Trad. de Maria Helena da C. Coelho, Irene M. Vaquinhas, L. Ventura e G. Mota. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL: 1994.

258 *Niterói*, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 257-258, 1. - 2. sem. 2006